



REVISITANDO VEREDAS: um estudo sobre a crítica de Antonio Candido ao romance de Guimarães Rosa

Marina Maria Campos Brito¹

1 INTRODUÇÃO²

1956. *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, chega à cena literária com uma proposta perturbadora de descarnar o Sertão, destacando-se em meio a uma euforia político-desenvolvimentista que fervia no imaginário nacional na década de 1950. Antonio Candido não tarda a se voltar ao romance de Rosa e, no ano seguinte, escreve “O Homem dos Avessos”. Já em 1970, Candido novamente se detém a *Grande sertão: veredas* com “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”. As duas críticas são importantes para se compreender a leitura de Candido sobre o romance, sobretudo porque elas parecem carregar os pressupostos evolucionistas que o crítico desenvolve ao longo de seus estudos sobre as relações entre literatura e sociedade. Nesse sentido, este trabalho não pretende questionar a qualidade da leitura analítica de Antonio Candido, mas apenas colocar em jogo um aspecto que parece ter sido, em certa medida, ignorado pela crítica nas últimas cinco décadas – principalmente porque uma boa parte dos estudos acerca de *Grande Sertão: veredas* parece aderir às postulações de Candido sobre o romance – que é a “domesticação” do romance, conforme nos propõe Silviano Santiago (2017), pelo autor de “O Homem dos Avessos”.

2 EVOLUCIONISMO CULTURAL EM ANTONIO CANDIDO

Para percorrermos essa vereda, é importante, em primeiro lugar, retomarmos as considerações de Antonio Candido acerca das categorias civilização e barbárie, visto que elas repercutem nas críticas que ele volta ao romance rosiano. No emblemático ano de 1964, chega às livrarias o estudo realizado por Candido entre 1947 e 1954, intitulado *Os parceiros do Rio Bonito*, que propunha investigar o modo

¹ Mestranda em Literatura Brasileira e Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFF, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: marinabrito@id.uff.br.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

de vida de uma comunidade caipira em Bofete, interior de São Paulo, e que compunha sua tese de doutoramento em Ciências Sociais. Nele, o crítico considera que a economia de subsistência adotada pelos caipiras favoreceu o seu isolamento em relação à rede civilizada, uma vez que o caipira se encontraria mais próximo à natureza que ao meio urbano, o que representaria o regresso a um momento de simbiose com a natureza e o conseqüente afastamento da civilização. A visão de Candido em relação ao caipira, nesse sentido, parece ter algumas afinidades com uma perspectiva colonialista, que enxerga a cultura do homem do campo através do olhar do homem branco europeu e que se considera civilizado, de modo a considerar o caipira como refém de suas necessidades imediatas, o que justificaria seu supostamente baixo desenvolvimento mental. Ao adotar um posicionamento vertical, o crítico estabelece uma hierarquia entre as culturas, visto que o civilizado será a etapa final, ou mais avançada, da evolução da sociedade humana, da qual se afastou o caipira em sua “regressão” (CANDIDO, 2010, p.55). Importa aqui retomar a consideração de Candido de que civilização é humanização (CANDIDO, 2010, p.202), pois isso impactará diretamente suas considerações acerca da literatura, sobretudo no que se refere aos romances regionalistas.

Em “Estímulos da criação literária” (1965), Candido nos contempla com uma análise mais detida das categorias dos tipos humanos: o primitivo, o rústico e o civilizado. A esta pertenceria o homem urbano, já integrado a um amplo repertório cultural; o rústico estaria associado a uma cultura rural, porém já articulada ao Ocidente; à categoria do primitivo pertenceriam os povos indígenas das Américas e as sociedades africanas, que viveriam, segundo Candido, ainda em um sistema de simbiose com a natureza.

Vale discutir aqui a diferenciação entre os estímulos que conduzem às formas orais e às escritas, pois tais estímulos norteiam o estudo de Candido, uma vez que são considerados por ele como um fator de diferenciação entre o homem civilizado e o primitivo. Nesse sentido, Candido apropria-se de um poema nuer (sociedade de pastores da África Oriental) como exemplo da literatura oral e um poema de Victor Hugo para ilustrar a poesia escrita. Se, por um lado, o poeta nuer é refém de suas

necessidades mais imediatas, como a alimentação³, de maneira que em seu poema a palavra estará mais grudada ao referente, por outro, o poeta civilizado atende a estímulos de cunho espiritual, pois não precisa, como ocorre com o poeta primitivo ou rústico, preocupar-se com a alimentação.

Essa preocupação que as sociedades primitivas e rústicas possuem em relação à obtenção de alimento se encontra refletida em sua produção literária, o alimento torna-se, assim, objeto de poesia. No poema nuer apresentado por Candido, “percebemos que o poeta nuer, ao celebrar um amor, ao expandir sentimentos, dele e dos outros, associa à expressão, como ingrediente necessário, que lhe dá validade, alusões ao representante do seu meio básico de vida” (CANDIDO, 2000a, p.52). Uma vez que se encontra associada à concretude, a palavra, no poema nuer, perde autonomia, passando a depender de um momento e de um espaço específicos. O oposto ocorre com o poema nas sociedades civilizadas, visto que a palavra apresenta certa autonomia, proporcionada por um maior descolamento da realidade concreta. Assim, por não estarem presas a um contexto específico, como ocorre com as formas primitivas e rústicas, as produções do homem civilizado podem migrar, circular com maior autonomia.

Na literatura oral, portanto, manifestam-se de forma mais imediata as condições de sobrevivência do grupo: o alimento, por vezes fonte de preocupação, aparece como objeto poético. A palavra, assim, aparece colada a seu referente, de maneira que, para ser imbuída de valor estético, é preciso estar amarrada a seu contexto de produção e de recepção. Dessa forma, a performance do narrador, que abarca seus gestos e a entonação de sua voz, é necessária para o entendimento da mensagem. Contrariamente, a literatura erudita (ou civilizada), devido ao valor simbólico atribuído à palavra, é dotada de uma universalidade e de uma intemporalidade que lhe dão certa autonomia, pois as necessidades básicas, que, para o homem primitivo e rústico, indicam fatores de preocupação permanente, já não o são para o homem

³ Como vimos anteriormente, a relação do homem rústico ou do primitivo com a alimentação é uma preocupação que Candido começa a explorar em *Os parceiros do Rio Bonito* (1964), em que afirma que “os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das ‘reações culturais’, desenvolvidas sob o estímulo das ‘necessidades básicas’. Em nenhuma outra parte vemos isto melhor que na alimentação, que é o recurso vital por excelência” (CANDIDO, 2010, p.33).

civilizado. É latente, dessa forma, a presença, em Antonio Candido, de pressupostos que reafirmam um evolucionismo cultural, uma vez que sua interpretação do poema nuer parte da epistemologia ocidental e, portanto, parece desconsiderar as particularidades de um poema oral em circulação na sociedade de pastores da África Oriental.

3 PELAS VEREDAS DE UM GRANDE SERTÃO

Adentremos, pois, os caminhos a que as postulações de Candido parecem nos levar a fim de revisitar sua crítica ao romance de Guimarães Rosa. Em “O Homem dos Avessos”, Candido considera que “o Sertão é o Mundo” e o pitoresco apenas acessório em *Grande sertão: veredas*, o que aponta para a universalização do Sertão a partir da superação do dado local. Vale retomar que, na *Formação da literatura brasileira* (1959), Antonio Candido considera que um sistema literário deve ser formado por obras que aclimatem de forma satisfatória o particular – que é atinente à realidade local – ao dado universal – que surge associado à Europa e ao Ocidente – de modo que uma obra terá maior ou menor valor quanto maior ou menor for o equilíbrio entre o universal e o particular. Dessa forma, o crítico parece retomar os preceitos que aparecem na *Formação*, visto que considera que o romance de Rosa supera a realidade regional do Sertão para chegar à expressão universal. Candido parece, assim, reduzir a importância da realidade local no romance, como se o sertão fosse apenas pano de fundo para os problemas que atingem o homem universal. Retomemos as palavras do crítico acerca do caráter universal que se manifesta no romance:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo. (CANDIDO, 1964, p.295)

Ao afirmar que a invenção “subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns sem os quais a arte não sobrevive” (CANDIDO, 1964, p.295), Candido parece sugerir que é a invenção que eleva o caráter universal do romance e o descola de sua realidade local. É perceptível, porém, no romance, o

empenho de que Rosa se vale para descrever com minúcia seres e elementos que compõem o Sertão. Analisemos, pois, as palavras de Riobaldo:

De que serve eu lhe contar minuciado – o senhor não padeceu feliz comigo –? Saber as revezadas do capim? Ah, então, que foram: mimoso, sempre verde, marmelada, agrestes e grama de-burro... A caminhada é assim, é ser: despesa grossa, o abalo. Contra a mera vontade, que meio me lembro, aquelas ladeiras de chapadas. Subindo para terreno concertado, cada tabuleiro que o fim dele é dificultoso, pior do que batoqueira de caatingal. Os muitos campos, com tristeza agora bota valesse menos que alpercata. O vento endureceu. Aí passa gavião, apanha guincho, de todas as estirpes deles – o que gaviãozinho quiriquitou! E lá era que o senhor podia estudar o juízo dos bandos de papagaios. (ROSA, 1994, p.526-527)

Riobaldo volta um olhar singular para o Sertão, apresentando diferentes nomes para o capim e, conseqüentemente, fazendo com que também o leitor se volte com olhos atentos para a construção daquela imagem. Assim, Riobaldo parece colocar o Sertão não como pano de fundo ou uma realidade que deva ser aclimatada pelo dado universal, mas como uma realidade que, embora ficcional, precisa ser enveredada com cuidado e atenção devido às minúcias com que são caracterizados os elementos que formam esse lugar. Nessa mesma esteira, podemos pensar na divisão do mundo em duas partes, como as margens esquerda e direita do rio. Candido afirma que seu efeito estaria “carregado do sentido mágico-simbólico” de que partilha a “mentalidade primitiva”. Parece que o crítico nos sugere que essa figuração deva ser aclimatada ao dado universal para, assim, falar ao homem urbano, civilizado. Seria, no entanto, possível reduzir a importância da realidade local para a figuração de um Sertão onde “os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade” (ROSA, 1994, p.3)? Ou ainda, pensar que esse Sertão é “universal” para falar ao homem civilizado?

Nesse sentido, Riobaldo nos leva pelas veredas desse grande sertão fazendo-nos partilhar de uma perspectiva singular acerca do espaço, dos costumes dos sertanejos e de suas crenças, que resvalam entre o conhecido e o desconhecido e são atravessadas pela inquietante questão da existência ou não do diabo.

E as ideias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe! E, se

não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? (ROSA, 1994, p. 48)

Parece que, ao nomear o diabo de diferentes formas, Riobaldo não somente nos presenteia com uma larga riqueza do verbete, mas também dirige uma tentativa de domesticar a monstruosidade desse ser que transcende o universo do Sertão. Daí o empenho em encontrar diferentes formas para nomeá-lo, reduzindo a sua relevância, embora isso não signifique “o alheamento do Diabo na mente em ruminação de Riobaldo” (SANTIAGO, 2017, p.71), mas antes a presença latente desse ser no imaginário do jagunço.

Em uma recente obra que sugere a domesticação do romance de Guimarães Rosa pela crítica literária, intitulada *Genealogia da ferocidade* (2017), Silvano Santiago aponta que a crítica de Antonio Candido domestica o “monstro” de Rosa, na medida em que o retira de seu solo regional e o europeíza. É importante pontuarmos que Candido não inaugura a visão que percebe em Rosa um movimento para além do nacional, ele segue os caminhos abertos por Cavalcanti Proença em relação à associação do romance rosiano aos romances de Cavalaria. Dessa forma, a aproximação entre *Grande sertão: veredas* e os romances de Cavalaria – destacada por Candido em sua crítica ao romance – evidencia o caráter universal defendido pelo autor de *Formação da literatura brasileira*, de maneira que a obra passa a ser, conforme aponta o próprio crítico, “avatar sertanejo da Cavalaria” (CANDIDO, 1964, p.301) ao transcender a realidade do banditismo local, o que, segundo Silvano Santiago, Candido realiza por meio da “visão religioso-cristã da relação entre suserano e vassalo” (SANTIAGO, 2017, p.49). Silvano Santiago revela, assim, a domesticação do romance a partir da tentativa, por parte de Proença e Candido, de associá-lo a uma tradição ocidental – o romance de Cavalaria.

Candido, por outro lado, parece querer comprovar que essa aproximação é um traço que afirma a universalidade do romance rosiano, uma vez que sugere ser o jagunço uma espécie de cavaleiro. Cabe observar que o crítico busca traços do romance de Cavalaria no romance rosiano e, para tanto, destaca duas aproximações: a da jagunçagem com as lendas da Cavalaria e a do jagunço com o “cavaleiro como realmente existiu” (CANDIDO, 1964, p.302). Isso novamente aponta para o empenho do crítico em encontrar nas obras literárias nacionais traços que as

aproximem do modelo europeu, pois isso configura, para ele, a sua universalidade. Não por acaso, o jagunço é comparado ao cavaleiro, uma figura construída pela tradição europeia ocidental. Em outras palavras, o universal é o europeu e uma obra literária não deve prescindir disso para garantir o seu valor.

Para melhor entendermos a leitura elaborada por Antonio Candido de *Grande sertão: veredas*, é importante retomarmos o ensaio em que o crítico explora algumas considerações acerca do Regionalismo. Em “Literatura e subdesenvolvimento” (1970), Candido propõe a defesa do Regionalismo [não entendo assim...] como força estimulante na literatura devido à seleção de áreas remotas, onde se localizavam os grupos marcados pelo subdesenvolvimento. Apesar dessa perspectiva, é interessante observar que Candido considera o Regionalismo uma *etapa* necessária para focalizar a realidade local, o que evidencia a manutenção não somente do seu olhar etapista para a literatura, mas também da ideia de que a realidade local deva ser *superada* pelo dado universal. O crítico pensa, assim, em uma outra fase, super-regionalista, correspondente à consciência descarnada do subdesenvolvimento, cujo maior expoente seria Guimarães Rosa, que explora com maestria a *universalidade* do sertão mineiro. Dessa forma, vemos que o super-regionalismo é marcado pela superação do local e a subsequente entrada na generalidade, conforme destaca Natali (2006), na medida em que a região é transfigurada em favor da universalidade, “alçando uma esfera além do local” (NATALI, 2006, p.39).

Também em 1970, em um estudo dedicado à figura do jagunço mineiro na literatura brasileira, intitulado “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, Candido novamente parece se empenhar na defesa do super-regionalismo, uma vez que propõe que “os traços antes pitorescos” se descarnem e adquiram “universalidade”. Parece, desse modo, que o objetivo não é conhecer a cultura do outro, explorar os costumes dos jagunços, mas antes falar ao leitor em sua humanidade, tocá-lo em sua universalidade, por isso conclui que

(...) todos nós *somos* Riobaldo, que transcende o cunho particular do documento para encarnar os problemas comuns da nossa humanidade, num sertão que é também o nosso espaço de vida. Se “o sertão é o mundo”, como diz ele a certa altura do livro, não é menos verdade que o jagunço *somos* nós. (CANDIDO, 1970, p.151)

Propõe-se, assim, a transcendência do regional para incorporá-lo em valores universais de humanidade, que resulta na saída do pitoresco regional para adentrar na preocupação moral e metafísica da qual partilha o homem ocidental civilizado. O universo local, parece nos sugerir Candido, é reconstruído – melhor dizer “reinventado” – para caber dentro de uma forma ocidental de ver o mundo ou, como melhor pontua Natali acerca dos autores transculturadores, de que faz parte Guimarães Rosa,

(...) como se o fato de tudo isso estar sendo feito em um gênero como o romance fosse irrelevante, como se a cosmovisão local não incluísse suas próprias formas narrativas, como se o contar literário em si já não fosse indicativo de uma certa forma de estar no mundo. (NATALI, 2006, p.39)

Percebemos, desse modo, que os valores universais encontrados por Candido em *Grande sertão: veredas* respondem a um certo pressuposto do que seria o universal e, principalmente, a quem corresponderia esse universal. Se o pitoresco, o regional e o exótico correspondem ao homem rústico, já que “o nosso regionalismo nasceu ligado à descrição da tropelia, da violência grupal e individual, *normais* de certo modo nas sociedades rústicas do passado” (CANDIDO, 1970, p.135), podemos supor que o universal, como está associado à Europa, diz respeito ao homem culto, que se considera civilizado. Seguindo essa esteira, não seria inválido pensarmos que quando Candido mobiliza um repertório voltado à *superação* do dado local pelo universal, alçando o romance de Rosa a um super-regionalismo que não se prende ao pitoresco da realidade sertaneja, mas que fala ao homem em sua humanidade, em sua *universalidade*, o crítico parece sugerir que aquilo que torna o romance universal está associado ao seu grau de humanização.

Vemos, desse modo, que o caráter universal de uma obra literária está articulado, para Candido, ao seu grau de humanização e, conseqüentemente, de civilização. “A literatura e a formação do homem” (1972) pretende, assim, discutir a função humanizadora da literatura, “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1999, p.82). Nesse sentido, Candido toma o Regionalismo como expoente dessa função humanizadora, uma vez que percebe a tensão entre tema rústico, que “puxa para os aspectos exóticos e pitorescos” (CANDIDO, 1999, p.86), e a linguagem, que deve encontrar soluções linguísticas adequadas para os impasses colocados pelo dado regional. Para cumprir com a

função humanizadora da literatura, o homem rústico deve ser dissolvido no homem culto, não o oposto, de forma que a realidade rústica deve ser incorporada à esfera do letrado. Isso pode ser realizado, por exemplo, por meio da presença de um narrador em primeira pessoa, que liquidaria o distanciamento entre o falar culto do narrador em terceira pessoa do falar do homem rústico das obras regionalistas.

Novamente, Candido alude ao super-regionalismo de Guimarães Rosa, capaz de tratar dos temas rurais “com um requinte que em geral só é dispensado aos temas urbanos” (CANDIDO, 1999, p.86), visto que Rosa trata de problemas “universais” do homem: “(...) dor, júbilo, ódio, amor, morte, - para cuja órbita [*Grande sertão: veredas*] nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo” (CANDIDO, 1964, p. 295). Percebemos, dessa forma, que a humanização da literatura é voltada ao homem civilizado e, por isso, os aspectos “exóticos e pitorescos” do meio rural devem ser adaptados para assumir certo grau de inteligibilidade por parte do homem culto do meio urbano. Parece curioso, no entanto, considerarmos que em *Grande sertão: veredas*, por vezes é o “pitoresco” que prevalece, e Riobaldo parece nos conduzir por entre as veredas de uma narrativa que perturba muito antes de ordenar e que propõe a revisão de valores que pareciam estáveis. Consideremos as palavras de Riobaldo:

Agora, bem: não queria tocar nisso mais – de o Tinhoso; chega. Mas tem um porém: pergunto: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlada, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... invencionice falsa! E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoiteze vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. Posso vender essas boas terras, daí de entre as Veredas-Quatro – que são dum senhor Almirante, que reside na capital federal? Posso algum!? Então, se um menino menino é, e por isso não se autoriza de negociar... E a gente, isso sei, às vezes é só feito menino. Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos – tudo corre e chega tão ligeiro –; será que se há lume de responsabilidades? Se sonha; já se fez... Dei rapadura ao jumento! Ahã. Pois. Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto. Sua companhia me dá altos prazeres. (ROSA, 1994, p.27-28)

O constante remoer de Riobaldo em relação à existência ou não do Demo e à (im)possibilidade de se vender a alma conduzem à perturbação de preceitos da fé cristã e, paulatinamente, levam a uma presença cada vez maior da figura do Demo

na narrativa, mesmo que a tentativa de Riobaldo, aparentemente, seja de tentar negar a sua existência.

Em outro trabalho, produzido em 1979, intitulado “A nova narrativa”, Candido defende o poder transformador de *Grande sertão: veredas*, uma vez que o romance, diferentemente de outras obras regionalistas, não desagua no “simples pitoresco”, mas ultrapassa as fronteiras regionais para desembocar no “mais indiscutível universal” (CANDIDO, 1987a, p.207). Vejamos o que considera o crítico acerca da comparação entre Guimarães Rosa e Machado de Assis:

Machado de Assis tinha mostrado que num país novo e inculto era possível fazer literatura de grande significado, válida para qualquer lugar, deixando de lado a tentação do exotismo (quase irresistível no seu tempo). Guimarães Rosa cumpriu uma etapa mais arrojada: tentar o mesmo resultado sem contornar o perigo, mas aceitando-o, entrando de armas e bagagens pelo pitoresco regional mais completo e meticuloso, e assim conseguindo anulá-lo como particularidade, para transformá-lo em valor de todos. O mundo rústico do sertão ainda existe no Brasil e ignorá-lo é um artifício. Por isto ele se impõe à consciência do artista, como à do político e do revolucionário. Rosa aceitou o desafio e fez dele matéria, não de regionalismo, mas de ficção pluridimensional, acima de seu ponto de partida contingente. (CANDIDO, 1987a, p. 207)

Candido sugere aqui, como em outros ensaios, que, ao anular o “pitoresco regional” enquanto particularidade, Rosa universaliza o sertão, tornando-o capaz de falar a todos os homens e transformando-o “em valor de todos”. É interessante pensarmos a quem o crítico que se refere quando fala em “todos”, pois isso parece inferir que o romance regionalista que se atém à realidade local pode não ser inteligível ao homem culto do meio urbano, em contrapartida, no momento em que esse romance é imbuído de características de cunho universal, de modo a tornar o “pitoresco” um simples acessório, essa obra passa a falar ao homem civilizado – a *todos*.

Parece, desse modo, que as críticas que Antonio Candido dirige a *Grande sertão: veredas* estão coladas a suas postulações acerca de um evolucionismo cultural, em que o homem primitivo estaria em etapa menos avançada e o homem civilizado na etapa final, mais avançada e, por isso, detentora de uma visão mais complexa do mundo e a quem a literatura deve falar. O crítico, então, empenha-se na defesa do romance enquanto obra super-regionalista, visto que transcende a realidade local e toca o homem em sua universalidade. Parece, ainda, no entanto, que o Sertão de Rosa fala também, e talvez principalmente, ao homem do Sertão. Dessa maneira,

buscou-se, neste artigo, revisitar a crítica de Antonio Candido ao romance de Rosa, para, assim, destacar alguns aspectos que, antes de serem assimilados, precisam ser repensados criticamente, considerando outras perspectivas que não partam de um posicionamento *universal* que é, no fundo, regional, pois toma como parâmetro um certo particular, no caso, a Europa. Afinal, como bem coloca Riobaldo, “Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte” (GSV, p.24).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In **Tese e antítese**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1964.

_____. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

_____. A literatura e a formação do homem. In **Revista Remate de Males: Antonio Candido** (número especial), Campinas: DTL-Unicamp, p.81-90, 1999.

_____. A nova narrativa. In **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987a.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987b.

_____. Estímulos da criação literária. In **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000a.

_____. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000b.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTIAGO, Silvano. **Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão veredas**, de Guimarães Rosa. Pernambuco: Cepe, 2017.

NATALI, Marcos. Além da literatura. In **Literatura e Sociedade** (USP), v. 9, p. 30-43, 2006.